



**casadesarmento**

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@csarmento.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)

## RECOLHIMENTO DO ARCANJO S. MIGUEL

(AS BEATAS DO CHAPÉU)

(Cont. do n.º anterior)

### CATARINA DAS CHAGAS

A memória — "...como Recolhim.<sup>to</sup> teve entre outras heroínas á pr.<sup>a</sup> fundadora do Most.<sup>o</sup> da M.<sup>e</sup> de Deos da pr.<sup>a</sup> Regra de S.<sup>ta</sup> Clara desta m.<sup>a</sup> Villa de Guim.<sup>es</sup>...." —, sanfonhada nas exposições jurídicas das Beatas e no dissêrto histórico dos Crónistas, essa é perfeitamente exacta.

Copiavam as Terceiras, a pêlo de sua antiguidade e virtuosa estirpe, os laudatórios de *Frei Soledade*, continuador de *Frei Esperança* na tabelionagem da *História Seráfica*, muito *ad verbum* — "...A pedra fundamental della (a Casa das Capuchas) foy huma varonil molher digna de perpetua lembrança.... Neste Recolhim.<sup>to</sup> com grande consolação de seu espirito vivia Catharina das Chagas...." —, mas não abriam mão da causa daquele confessado e íntimo desgosto (a pungi-la entre tanta felicidade) receando lhes ensujentasse a boa fama. <sup>(1)</sup>

(1) *Historia Serafica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal* — Fr. Fernando da Soledade — Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedroso Galvam — Anno de M.DCC.XXI — :

A discrepância de Catarina das Chagas, tam decidida sectária da maior aspereza das regras como da vida, igualitária e dura, da comunidade religiosa, e a sua sublimação mística haviam de apagar-lhes, no texto monótono do agiologio, nomes e feitos miraculosos, resplendentes de fé, deixando em lamentável escuro o que pudesse então joeirar-se verdadeiro sobre o Anjo e seu mundo penitente.

Quando, pelas sete horas da manhã de 27 de Junho de 1661 — são desta precisão (quantas vezes imaginosa...) os noticiaristas fradesco! —, vindo fugida de casa de seus pais, os Ferreiras, layradores ameçados de Pica-frio, lugarejo de Santa Eulália de Paços, no termo da cidade do Pôrto (Paços de Ferreira, ao que se nos afigura), Catarina entrou em Guimarães, misteriosamente guiada à estrada e salva do longo, tenebroso lamarão, em que se perdera na encosta do monte, por um homem que logo desapareceu, subindo primeiro a S. Paio ouvir missa e depois a S. Francisco para se encomendar à protecção do *Santo Humildade e Poesia*, já o seu intento era buscar o "Recolhimento do Anjo, aonde pelas noticias que lhe haviam dado esperava conseguir hũ bom porto de descanso para seu espirito."

Estavam na igreja da Ordem duas Beatas, a quem instou a recebessem e admitissem no Recolhimento.

(Tomo V, Cap. XXXV, pág. 806 e seg.):

1180 — ..... «Parecia-lhe cousa alheia de toda a razão entre pessoas dedicadas a Deus, não viverem em forma de Comunidade; por quanto cada uma tratava particularmente de si, e da sua sustentação; e este cuidado se lhe representava prejudicial à vida contemplativa, e não menos à caridade fraternal em que deviam perseverar para conseguir o fim da sua vocação. Tinha-lhes exposto em diversas ocasiões a grande utilidade que procede da vida comum, e em outras tantas intentado exterminar o abuso do particular, e como não as pudesse vencer empenhou ao Padre Fr. Francisco do Salvador» (Comissário do Convento de S. Francisco em Guimarães) «para que as persuadissem, e reformasse neste ponto. Porém elas unidas em um corpo diziam que assim se haviam criado, e não deviam alterar a forma da sua instituição primeira. Com este desengano se resolveu Catarina das Chagas a mudar de sitio rogando ao dito Padre que dispusesse outro Recolhimento, em que ella com algumas mulheres de virtude pudessem observar aquella imitação da vida monástica.»

Os seus trajos pobres e sujos de caminheira espavorida, a amarelidão de fadiga, a ardência febril do êxtase, o rosto atormentado de jejuns em tão menina e môça, desafiavam suspeitas. Recusaram. Acompanhou-as à portaria. «Aqui a despedirão de todo; mas a serva de Deos profiava, que a admitissem ao seu serviço. Como a importunação era forte, chamáráo as duas por Ignes de Santo Antonio, para ajudallas a livrar-se de tanta insistência; mas succedeo o contrario porque a dita Ignes agradada da peregrina, se poz da sua parte, e lhe disse: *Filha vós sois a que nos servis, entray, que com nosco vivíreis.*»

Um amigo da família paga as despesas do hábito, que lhe é lançado pelo Comissário da Terceira Ordem «e Director deste Recolhimento», o venerável Padre Frei Luis de Santo Inácio. Ali vive onze anos (1661-1672) de rude e macerada penitência: «O seu prato de mayor regalo erão huns legumes sem tempero; algúas vezes comia só hum bocado de pão, outras nenhuma cousa, e muytas era fel a sua iguaria. Andava apertada com cilícios, não dispensava o seu corpo o tormento quotidiano das disciplinas; e em quanto eile gemia com os rigores voavão seus pensamentos á glória, nas azas de hum ardente amor, buscando as causas das suas saudades.»

Talvez alguma recolhida, mais suave ou mais profunda na amargura, curasse brandamente de a desafli-gir e aliviar da crueldade com que retalhava a sua carne, pecadora só porque era humana; talvez Maria dá Piedade ou Maria da Cruz lhe dissessem do penoso e constante sacrifício de ser alegre, no desengano e na tortura, pela esperança do céu, de contar os dias em paz na enfiadonha e procelosa tormenta da vida — pequeno óbulo da eterna glória; mas deixavam-na livre e solta, e nunca de sua bôca outro queixume saíu a não ser o de não viverem suas irmãs, como teimosamente propugnava, em perfeita comunidade, fechadas em clausura, sujeitas a todos os votos, comendo o mesmo pão de fome e vestindo o mesmo burel de pobreza.

A tradição era, porém, aquela — a família devota, umas daqui, outras de além, herdeiras e mendigas, donzelas e viúvas, havia mesmo donas casadas que ti-

nham fugido a cova fria do lar infiel, a obscuração resignenta — à qual a piedade ou a fartura lançavam as migalhas pingentes e falsas dos sobejos ou as esmolos do compadecimento, anónimas, irresolutas, ainda trémulas e suadas da sensibilidade —, rezando no silêncio da noite, cantando meigamente na mais silenciosa noite das grades, a elevar a Deus, ao Deus misericordioso da Morte, o coração malquerido, o coração trapo de sangue, o coração sempre lucilante de harmonioso arroubo, ingénuo e bom, o coração já enfogachado como quieta murrça de candeia gasta em tristura infinda.

Ela não trocou o Recolhimento (— seja feita justiça a esquecidas mortas, a espalhadas cinzas —) por qualquer dos outros dois conventos (*Santa Clara e Santa Rosa de Lima*), o que bem demonstra que não excelliam, embora de carácter mais constitucionalista, em severidade monástica — saíu, com pelo menos uma das companheiras — Grácia dos Remédios —, instada por se haver dignificado a assumir alhures o cargo de regente, ou no cumprimento dum voto expresso, tendência determinada e freimática do seu espirito insaciado. <sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> A versão do P.<sup>e</sup> Torcato Peixoto, coetâneo (2, Maio, 1622 — 23, Junho, 1705) de Catarina das Chagas e destes factos (Vej. *Abade de Tagilde — Monographos Vimaraneses* —, in *Revista de Guimarães*, vol. I, n.º 4, pág. 190) e vizinho do Recolhimento difere da exposta na *Hist. Seraf.* e porventura mais digna de crédito.

*Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães* pelo P.<sup>e</sup> Torcato Peixoto d'Azevedo, pág. 348 e seg.:

«Afastado da sobredita capela de Nossa Senhora da Consolação, cento e sessenta palmos para o vendaval no campo do Galego, ou rosal de Santa Isabel, se fundou o mosteiro de suas religiosas em 1681, com esmolos que juntou o padre F. Francisco de S. Salvador, comissário dos Terceiros no convento de S. Francisco, religioso de conhecida virtude.

O especial motivo para esta fundação foram umas môças de boa criação, e vida, que quizeram gastar seus bens recolhidamente servindo a Deus, para o que compraram umas casas na rua de Val de Donas, e ali despojadas dos bens do mundo, começaram de aspirar aos bens do céu, em que conheciam permanência: e ali vestidas de saial se entregaram à freqüência dos sacramentos, e exercício das virtudes, e cingidas com o cordão de S. Francisco fizeram profissão na Ordem Terceira d'este Patriarca: e vendo o padre comissário suas vocações e suas penitentes vidas lhe buscou uma digna

Madrugara-lhe cedo a enlevação religiosa. Aos dezasseis anos cortou os cabelos, deu-se a austeridades e penitências. Não a seduzia a abastança da casa. Fastidiavam-na as comezainas pesadas e soturnas: para si a côdea que se talha com o rafeiro e uma conca de água, colhida na fonte, ao marulho das árvores asopradas pela vasta radiação, inquieta e doce, do mar azul sem fim do céu. Tinha desdém aos vestidinhos

mestra, para que com seu exemplo fôsem seguindo o caminho verdadeiro da salvação.

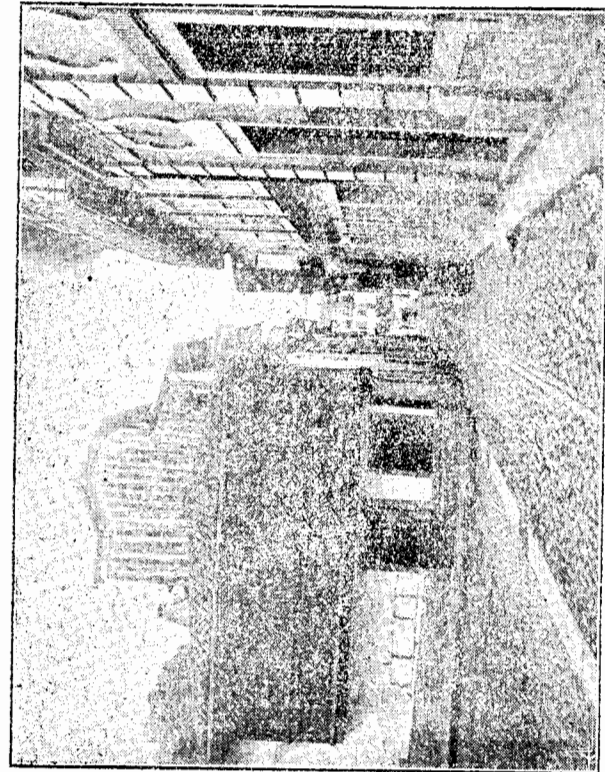
Estava então no Recolhimento do Anjo, que já era de Terceiros de S. Francisco, Catarina das Chagas, filha espiritual do dito padre comissário, a qual éle julgava capaz para ir cultivando estas mimosas plantas do jardim da militante igreja, as quais entregou ao seu cuidado, e entregando-as à sua obediência lhe deram o título de Regente, e fundaram na mesma casa um oratório, que invocaram de Santa Isabel: e vestindo-se de mais áspero traje, e descalças, receberam nova vida imitando sua mestra, e tomando por mãe sua admirável protectora a quiseram imitar. Este exemplo se comunicou, e acendeu no desejo de outras, que desprezando as vaidades do mundo foram buscar a sua companhia para seguirem mais seguro caminho de salvação.

Neste oratório se conservaram até aos 4 dias de Abril de 1683, dia de quarta-feira de trevas, em que saíram em procissão acompanhadas do cabido da real Colegiada, e de tôdas as religiões da vila, clerezia, e Santíssimo Sacramento, e se foram recolher neste mosteiro do campo do Galego, e ali lhe prêgou o dito padre comissário encarregando-as da guarda dos preceitos da vida religiosa.

Neste recolhimento estão em voluntária clausura, imitando a sua protectora Santa Isabel; porém aspirando tôdas a uma obrigatória clausura, e vendo que esta se lhe dificultava saiu em 1690 a regente Catarina das Chagas, e foi à côrte de Lisboa, em busca de seu virtuoso director Fr. Francisco do Salvador, o qual dizem lhe administrou os sacramentos sem já a conhecer.

Vendo-se esta desconhecida de seu director, a quem tantas vezes havia falado, e de quem tinha recebido aquele penitente hábito se lhe deu a conhecer, e lhe comunicou a resolução em que estava de ir a Roma pedir ao Santo Padre o breve para a sua clausura: ficou êste muito admirado e pouco satisfeito da sua deliberação em sair do recolhimento sem sua licença, porque suposto êle se achava comissário dos Terceiros no convento de Lisboa, sempre aquele recolhimento estava à sua obediência, e êle como fundador tinha tomado por sua conta o seu aumento: pelo que estranhando-lhe a sua saída, lhe aprovava o fim, mas não o modo, e a despediu com ásperas palavras. Não foram estas bastante estôrvo para o seu intento, e tomando lugar em um navio, entregando-se ao cuidado do seu Creador, a cuja honra só aspirava se foi conduzindo para a cidade de Roma: aonde ainda se conserva sem ter fim a sua pretensão.»

fidalgos, todos laçarotes e missangas de côres ouradas, merca enternecida dos pais na cidade, quando feiravam, e entrapava-se no cotio leproso de remendos, aos esfiapos de lama, da criadagem baixa. A sua festa era a missa com as duas velas, direitas e altas, arden-



RUA VAL-DE-DONAS

do mansas no altorzinho pobre da rústica capela e todo seu emprêgo, obrigatório e devotivo, a oração — "talamo de flores em que se logrão os mimos do Divino Espôso." —

Assim educou a sua alma: ansiosa de maior sofrimento, que a resgatasse da pena de viver, criatura pecadora, neste agreste exílio do vale de lágrimas e musculada de tenacidade enérgica pela veemência cons-

tante da sua fé. Com essa perturbação de enfronhado e zeloso misticismo, com essa fôrça de querer sugestionadora, rígida, implacável, funda o *Recolhimento de Vale de Donas* <sup>(1)</sup> com as duas filhas de Pedro Francisco, de Atães, Maria de S. Francisco e Serafina de Santo António, e a ajuda de Margarida Salgado, impõe-lhe regra severíssima — hábitos de burel, pés descalços, clausura, viver de esmolas e sem propriedades: «não possuir cousa alguma por mais leve que fosse, nem falar a seu pay, mãy e irmãos senão em as quatro festas do ano, e com outras pessoas nunca», penitências e abstinências contínuas e tais «q̃ a ellas se attribuirão as mortes das primeyras que falecerão» —; <sup>(2)</sup> muda-o para o campo do Galego, acima da Feira, no atrêpo do monte, com grande solenidade pública, atraíndo novas companheiras e levantando assim, com

(1) O P.<sup>e</sup> Caldas conclui com a já nossa conhecida facilidade — «...para logo se comprou uma morada de casas na rua do *Valle de Donas* — que d'este facto tomara o título — e nelas se instalou o novo recolhimento, em Junho de 1672....» — (*Guimarães*, 2.<sup>o</sup>, pág. 133). A rua de Val de Donas é assim já denominada em documento de 1349 (cláusula testamentária de Margarida Pires — 12 junho 1349). (Vej. *Abade Oliveira Guimarães — Cat. dos Pergaminhos*, pág. 49).

(2) *Hist. Seraf.*:

(V. Part. Liv. IV. Cap. XXXV):

1182 — «Como ainda não estava acabada a Capela, que se havia principiado, saíam fora por causa da missa, e Confissões, mas chegando aos vinte e oito dias do mês de Agosto, totalmente se encerraram, porque n'esse dia se cantou a primeira Missa na dita Capela, dedicada com todo o edificio a *Santa Isabel Rainha de Portugal*, assistindo a nossa Comunidade, e prégando o Padre Comissário seu Fundador.»

Em 1678 as recolhidas — «encheram o número de catorze» —, entre as quais Ana de Jesus, irmã de Maria de S. Francisco e Serafina de Santo António e contando também — «as que faleceram neste tempo, que foram três, cujas mortes, por serem quasi sucessivas, deram motivo a fazer-se mau conceito do lugar em que estava plantado o Recolhimento; posto que os contrários à mortificação do corpo, aludiam tudo às asperezas em que viviam; como se os exemplos dos Santos Anacoretas não testificaram com as vozes de idades larguissimas o contrário desta opinião do amor próprio. Nós imaginamos, que permitiu Deus aquelas vozes no povo, fácil em se constituir juiz do que não lhe importa, para que se desse principio à excelente fundação do Mosteiro da Madre de Deus no sítio mais aprazível que a Vila de Guimarães possui.»

perfeição religiosa e simpatia popular, o *Mosteiro das Capuchas*, humilimo e severo, cujo reconhecimento apostólico vai ela mesmo, disfarçada como um Donato da Ordem, impetrar a Roma de Inocência XII (*Bula Sacrosanti Apostolatus officium* de 21 de Junho de 1693). <sup>(1)</sup>

O *Anjo* foi a modesta sepultura da piedosa e animosa senhora, dos dezanove aos trinta anos. Ali viveu em tamanha pobreza que não quis nunca mais do que o indispensável para se resguardar, nem deu alimento ao seu corpo mais do que a gota de azeite de alâmpada mortíça, leve como a sombra, esmarrida de vigílias e contrições. Rogos e zangas dos pais, correndo aflitos a buscá-la, não a demovem. Enjeita as próprias esmolas. Lentos gemidos de orações são a sua noite. Não há flores, não há sol. A sua primavera esfuma-se em desmaiado beijo sobre a cruz. Na sua alma cõ-se um crepuscular outono, aquele violeta melancólico e saudoso que se derrama por cima das ásperas fragas

(1) *Hist. Seraf.*:

(V. Part. Liv. IV. Cap. XXXVII):

1197 — «Mudando-se para o novo Recolhimento da Madre de Deus, foi continuando a mesma forma de vida, a qual com as experiências, e cuidados desta insigne Mestra foi subindo a tal perfeição, que em nada se diferenciava duma clausura religiosa, e muito apertada. Por este motivo davam a esta casa o título de Mosteiro das Capuchas antes que tivessem obrigação de o ser, como hoje, por voto. Pretendia contudo a serva de Deus este efeito, e com o mesmo desígnio, ia educando as súbditas naquela forma, para que depois não sentissem a mudança. E porque não lhe era possível conseguir o despacho, determinou ir pessoalmente a Roma, como dissemos. Alcançado o favor Apostólico, voltou para este Reino; porém antes que a elle chegasse, quis o Senhor a quem tanto serviria, dar-lhe o descanso que merecera. Tendo enirado em Espanha, e no Bispado de Pamplona, enfermou na vila de Çarans, aonde brevemente foi conhecida por mulher santa. Assim o testemunhou D. João Azência de Beraçadi, Vigário da Paróquia de Santa Maria a Real na mesma Vila, que mandou as notícias da sua morte. Diz que os Cirurgiões, e outras pessoas que assistiram à serva de Deus na doença, tinham por prêmio o próprio trabalho, e que guardaram como preciosas reliquias, algumas cousas de seu uso. Declara que também elle possuía com semelhante veneração os seus óculos, que foram a alfaia que lhe coubera; e que os móveis que se acharam à serva do Senhor, eram dous cilícios, e duas disciplinas de ferro. Ultimamente contesta, que acabara com muitos sinais de santidade em 13 de Maio de 1694, e fôra sepultada na sua referida Igreja.»

dos montes solitários, lava de cratera coalhada onde rebentam cardos: ao alto as águias cruzam em rangidos metálicos.

O último, hoje o único testemunho da sua passagem, fomos encontrá-lo numa velha arca de coiro e pregaria entre mofentos papéis, amarelidos, como feitos da cera dos brandões pingando na lájea, e roídos, no escuro das idades — assim os ossos na vala dos cemitérios —, pulverizada em migalhas duras e inquietas, fugidias à luz e à curiosidade profana. Era a sua assinatura em processo <sup>(1)</sup> a que fôra chamada testemunha <sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> 1665 — Um Gonçalo Mendes legara o Campo de Trás S. João, na freguesia de Revelhe, concelho de Monte Longo (Santa Eulália de Revelhe, concelho de Fafe) a três beatas terceiras do Recolhimento do Anjo — Ana de Santo António, Maria da Conceição e Maria da Cruz —, com a obrigação duma missa, dita no começo de cada ano, pela alma do testador, a Santo André; a última nomearia por sua vez mais três recolhidas da mesma casa.

Sentindo-se doente e chegada a hora da morte, Inês de Santo António, aquela mesma compadecida irmã que, vencendo a relutância de algumas companheiras, abrira as portas do Recolhimento a Catarina das Chagas, fez vir a comunidade à sua cela e aí, em seu juízo e entendimento, nomeou na posse do Campo às suas companheiras, de que se despedia, Ana de S. Francisco, Maria da Piedade e Catarina da Trindade. E por seu falecimento procedeu-se a justificação, a requerimento das nomeadas, da posse por palavra assim conferida, sendo ouvidas como testemunhas algumas recolhidas — Marta dos Anjos, Catarina de Cristo, Ana de Jesus e Catarina das Chagas.

Gonçalo Mendes tomara posse do Campo a 8 de Abril de 1634, fazia testamento e pouco depois faleceu. Ana de Santo António, das primeiras instituídas, tomou posse a 8 de Novembro de 1634.

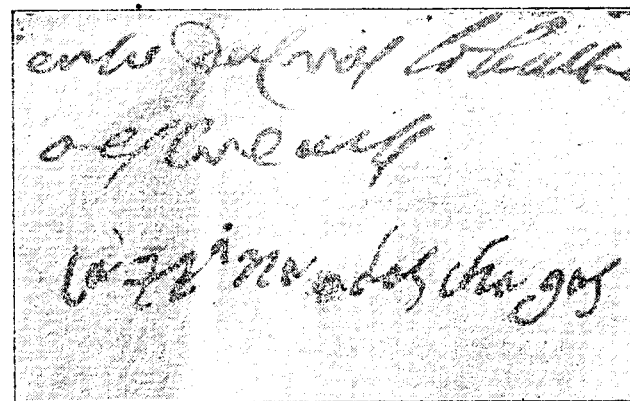
Logo que a posse de Ana de S. Francisco e duas outras companheiras foi judicialmente reconhecida, despediram o caseiro, que fazia a terra, por falta de pagamento da renda.

Encontram-se juntos no masso, de que extraímos estas notas, o requerimento de despejo, a petição para justificação de posse de Ana de S. Francisco, M. da Piedade e C. da Trindade com o respectivo processo; a inquirição de test.<sup>as</sup> onde se encontra a assinatura de C. das Chagas, auto de posse das mesmas, verba testamentária de Gonçalo Mendes, auto de posse de Ana de Santo António, escritura de compra do Campo por Gonçalo Mendes (17 de Janeiro de 1633) e posse a ele relativa.

<sup>(2)</sup> 15-Setembro-1665

.....  
It. Catherina das Chagas terceira de San francisco Recolhida no Recolhimento do Anjo testemunha Jurada aos Santos evangelhos em que pos sua mão direita dedade que disse ser de vinte etres an-

Tem, rápida, nervosa, mas firme, a decisão e a varonibilidade que são apontadas no carácter de Catarina das Chagas. Olhando, porém, atentamente essas letras, eu vi nelas o rasgar de espinhos, a coroa de espinhos da amargura, as curvas duma cadeia de ferro, as algemas do espírito à fé a que se devotara, os nós de disciplinas que mordem, enegrecem, ensangüentam e martirizam a carne. E não mais que traços perdidos dum nome já obscuro numa fôlha de almasso, rôta e pálida... Nome evocador duma jazida muito distante, das horas de paz na reclusão desta humilde casa, do Recolhimento de Val de Donas, da edificação do triste e desaparecido Convento das Capuchinhas. Traçado por sua mão, com serêna indiferença, numa tarde de Setembro. E estava nêsse bocado de papel tudo quanto hoje existe da mística devota.



nos pouco mais ou menos e aos costumes nada somente estar Recolhida no mesmo Recolhimento que as justificantes e dira verdade

It. perguntada ella testemunha pello contheudo na petissam atras das supplicantes Anna de San francisco maria da piedade e catherina da Tryndade, disse que Ines de Santo Antonio tersseira que foy de San francisco estando doente da doenssa de que se faleceo estando em seu Juizo e emtendimento disse de palavra que como possuidora ultima que era do Campo de tras Sam João sito na freiguesia de Revelhe concelho de monte longuo na forma do testamento de gonsallo mendes que deixara o ditto cam(po) as tersseiras nomeava nelle as dittas supplicantes Anna de San francisco,

### As Capuchinhas...

Não esquecerei jamais a *hora camiliana* que me fugiu docemente emocionante entre seus velhos muros ferruginosos e humedecidos. Camiliana pela intensidade brusca de sentimento, ao mesmo tempo real como alarido de feira e umbroso como nostalgia de campo santo, camiliana pelo enternecido lirismo de sabor português, o encontrarmos, falando-nos voz amiga ao coração, em casa desconhecida, onde vamos pela primeira vez e não tornaremos nunca, o nosso ar de família, dispersos átomos da nossa vida passada, êsse não sei quê sobressaltando e comovendo, ameigo e rallo, gemido e carinho à nossa alma inquieta e caminheira, nevrosada como o século, já sem raízes fortes no solo da pátria e emigratória e apóstata do lar doméstico.

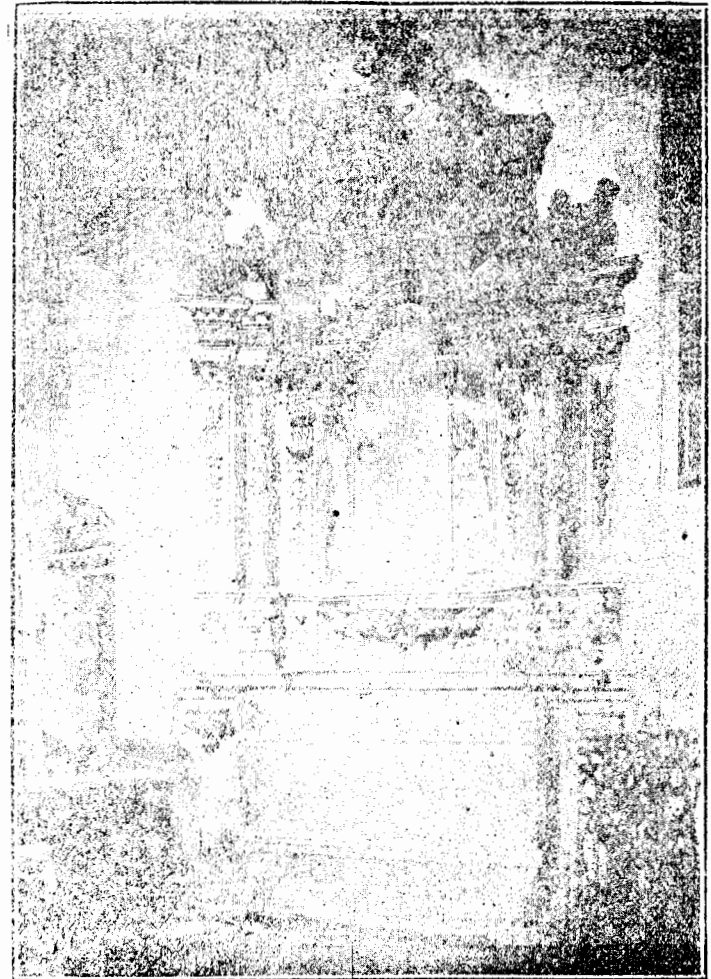
Foi como se dos sudários da morte se solevantassem e viessem a mim humildes, encanecidas avôzinhas, fiando a roca de seus pensamentos, ingênuos e santos no bem-querer, as mãos ossudas e longas, diáfanas, trémulas — mãos de reza e de afago, constantes no juramento e ligeiras, corredias na esmola —, brandamente, como desdobrar luarino por entre souts, no vagoroso, arrastado marulho de ondas dolentes, e, ungindo de bálsamo meu pobre espírito atribulado (a aparição evocadora, o encanto da simplicidade), não dissessem, ai não!, as vãs palavras da esperança e do conforto, mas somente, em cicio de lábios, cobrissem o mesquinho impertinente de flores de bênção — “que a dor viva em paz dentro do teu peito!” —

E não... A' portaria eram a receber-me, no seu trajar de freiras, o hábito grosseiro de burel pardacento, uma corda, as camândulas, os pés nus em sandálias de coiro, as três dignitárias — a Madre Abadessa, a Madre Escrivã, a Madre Porteira. Tôda a comunidade, em duas filas, acolitando, ajoelhara. As pobres donas e meninas tinham entrajado à pressa vestidos

---

maria da piedade e Catherina da trindade o que foy em presença della testemunha e das mais atras perguntadas e outras mais tersseiras e mais não disse e assinou com o emqueredor Bento da Cruz Lobato taballeam, o escrevi

.....



— IGREJA DAS CAPUCHINHAS —

ALTAR DA SENHORA MADRE-DE-DEUS



mundanos — saias e casacos pretos, escorridos e desenhados, e nas cabeças, despidas de cabelo, mantilhas e lenços escuros. Sentia-se o bater alvoroçado dos tímidos corações piedosos. Um sino repicava, mas o som não floria tintinante e garrido, bater de asas musicais no azul muito limpo do céu outonoal, enrouquecera em cadência lacrimosa, veludina, como sineta de estação à abalada de combóio, tam gemente e quebrado em adeuses que na torre, de súbito, alagara a nódoa pastosa da noite. A porta do claustro ficara aberta... <sup>(1)</sup>

...*Labor, et tenebrae, et voluntaria paupertas...*

Os rostos eram irmãos. Olhos vindos da luz profana não distinguiram idades. Corpos ancianilizados pela reclusão claustral, nervosos, esguios e magros como a sombra duma cruz. A mesma palidez nevada e

<sup>(1)</sup> Os Estatutos da Associação de beneficência da Madre de Deus, em Guimarães, legalizam, dentro dos moldes convencionados então para, com transigência do poder civil e a devoções especiais de misticismo e interesses positivos criados em haveres e propriedades rendosas mais do que satisfação ao espírito liberal principalmente alarmado com a virulência, o desassombro, o tentaculismo envolvente da chamada Sociedade de Jesus ou dos Jesuítas, pôr termo à efervescência religiosa («Mais uma vez se suscitou entre nós a questão religiosa; de todas a que mais afecta as consciências e exalta os espíritos», dizia o governo em relatório do decreto de 18 de Abril de 1901), e reconhecem a existência do velho Convento das Capuchinhas, que pudera iludir pela pequenez triste e solitária os golpes sectaristas de Aguiar ou renasceria com a sua feição tradicionalista de humildade tocantemente siugela. Por eles se mandava distribuir esmolas, especialmente aos pobres do sexo feminino, dentro dos limites das receitas que alcançasse. As freiras, não aliás como tais designadas por mera ficção legislativa, eram divididas em duas categorias — sócias protectoras, com donativos livres, e sócias activas, com o seu trabalho e dádivas próprias. As esmolas eram a distribuição de sopa aos pobres à porta da sede (o antigo caldo à portaria dos conventos) e vestuário novo ou usado, sendo preferidos sempre os velhos e as velhas. As restantes disposições de ordem administrativa.

Em outubro de 1910 havia associadas internas — assim denominavam a regente, a dispenseira e a zeladora, com seus respectivos cargos de Madre Superiora, tabeliã e porteira —, onze albergadas, noviças e freiras pobres ou sem família e oito associadas esmoleres, professoras que tinham entrado com o seu dote e auxiliavam as outras. Das albergadas algumas não tinham recursos, nem família. A caridade das companheiras agasalhou-as imediatamente, com discreção e afecto. A mais velha contava 80 anos e a mais nova apenas 20.

fôska, com pequenas manchas de cianose. Andavam em passinhos miúdos e apressados, como em corridas, que as deixavam róseas do esforço e cansadas pela falta de exercício. Todo o seu falar era canto, harmonioso, toado, como de prece, e mesmo quando riam, infantis, aos mais leves nonadas da conversação, encantadoras de hospitalidade e franqueza, o som cristalino desprendia-se batido de lágrimas... Moças ou velhinhas, elas guardavam, na treva morna e bafienta, a frescura puríssima do coração feminino, o quebranto sincopal das noivas ajoelhando ao altar, na manhãzinha lavada, ao incenso das flores.

Já o convento ficava escondido como um ninho entre altas árvores, a que as vides se abraçavam, e muros denegridos, toucados e cingidos de eras viçosas. A água descia pelos campos e carreiros de lascas graníticas. A vida, ali, perdia-se na agonia mansa da saudade, recatada e chã. Dentro, tudo era pobreza e humildade. Na cela despida, com um janêlo gradeado, só o catre de madeira com um travesseiro duro. O refeitório, em baixo, com entrada ao claustro, longo sarcófago estreito de pedra tósca e frios azulejos, com as mesas de pau, as malgas de barro, os garfos de ferro, as colheres de estanho. Sob cada mesa, um alguidar vermelho e a comprida faca de madeira de cortar o pão. O sal tomava-se à entrada. E tam escuro e lóbrego que o caldo insípido seria não menos que outra rude penitência, a miséria da necessidade para sustentar a miséria da vida.

Ao fundo dum corredor, o hospital. Quadra mais espaçosa e alegre. A antecâmara da morte — a Hora Desejada. Ficavam ali mesmo depositadas, nas primeiras horas da aleluia celeste, descidas da cama à manta damasquina atapetando o soalho. As companheiras rezavam, as doentes gemiam, velando. E uma noite, por tempos idos de fervor e piedade, uma freirinha, que levava vida de santa, ergueu-se no seu caixão, chamou, saudou as irmãs queridas, agradeceu-lhes a misericórdia das ladainhas em que a encomendavam ao Senhor. Ela tivera um sonho lindo. Como em asas de anjos, sentira-se subir transportada, na suave plangência daquelas mesmas orações, e tam alto subira, alumiada por uma luz doirada, mais bela que o sol



mas branda como o luar, que alcançara o céu. Era um imenso jardim de flores e de cânticos... A comunidade acorreu e durante muitas horas, branca e formosa, coroada de resplendor, a morta vivera rezando e dividindo com as companheiras a evocação da sua terra natal, a memória dos dias tristes ali tristemente vividos e a florida esperança do paraíso que lhe fôra dado entrever. Despediu-se de tôdas uma por uma, voltou a deitar-se no caixão, adormeceu, sorrindo, o rosto corado e novo. Assim a trouxeram a enterrar no claustro. (1)

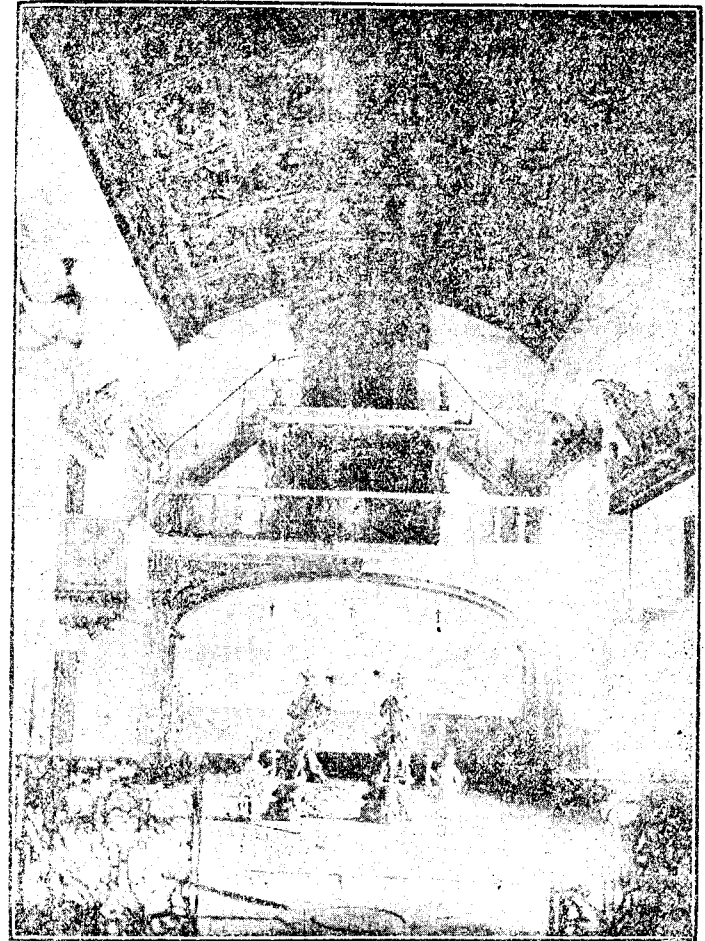
Mas voltemos ao *Anjo*.

## A REGRA

(1756)

Aos «*Il.<sup>mes</sup> e R.<sup>mes</sup> Snr.<sup>es</sup> do Cabb.<sup>o</sup>*» diziam as Recolhidas que, no ano de 1748, «por hãa petição q.<sup>o</sup> fizeram a S. A. S. se ssujeitarão a Sua Ob.<sup>do</sup>, eamparo, p.<sup>la</sup> q.<sup>al</sup> o d.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> foy serv.<sup>o</sup> mandarçe informar p.<sup>lo</sup> D.<sup>or</sup> D.<sup>zor</sup> Ant.<sup>o</sup> Barb.<sup>a</sup> de Gois», e, embora não tivessem logrado o fim que desejavam, tinham obtido licença 1) *para o hábito e profissão*; 2) *para se desobrigarem do preceito da quaresma pelos seus confessores*, «o q. dantes fazião peilo seu Parocho, q. hera o de S. Payo»; 3) *para a bênção da capela nova* — «porq. aq. dantes tinham não estava enlugar decente p.<sup>a</sup> tão alto ministerio»; 4) *para resarem o ofício de N. Senhora, em côro*; 5) *«assignar o d.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> confessores particulares»*; 6) *«q. todos os R.<sup>dos</sup> P.<sup>es</sup> que confessavão nos C.<sup>tes</sup> das Reli-*

(1) Havia, no convento, um registo de óbitos. As freirinhas eram enterradas no claustro e mão piedosa apontava seus nomes e datas de vida religiosa. Foi nêsse livro, apesar de todos os cuidados em resguardá-lo, inepta ou malvadamente sumido, que vi esta narrativa.



— IGREJA DAS CAPUCHINHAS —

CÔRO

giozas da d.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> pudessem confessar as Supp.<sup>tes</sup>; 7) capellão que lhes administrasse os Sacram.<sup>tos</sup>; 8) para que «se lhes administrasse o Sacro Viatico sendo necess.<sup>ao</sup> fora dehoras da Parochia, emq. existem»; 9) para se sepultarem na sua capela; 10) para tomarem «os confesores, q. confissão no Conservatorio de S.<sup>ta</sup> Roza das Dominicas»; as licenças numeradas 11, 12, 13 e 14 referem-se a confessores e foram tôdas elas validadas por um ano, conforme despacho de 14-Agosto-1756.

(1764)

Serenissimo Senhor

*Custumavão as Recolhidas* do Recolhim.<sup>to</sup> de que tratão as petições incluzas, antigam.<sup>te</sup>, sahirem a Ig.<sup>a</sup> do Conv.<sup>to</sup> dos religiosos de S. Franc.<sup>co</sup>: se hera por de voção ou obrigação o não sey, por me não apresentarem o seu pr.<sup>o</sup> instituto: e querendo recolherse eximindose de sahir fora, as ademitio a sua sujeição o Serenissimo S.<sup>r</sup> antecesor de V. A. S. nomeando a D. Leandro de S.<sup>to</sup> An.<sup>to</sup> Leitão: Conego Regrante, digo regular no habito clerical p.<sup>a</sup> lhes lançar, e professarem por decreto de 20 («ou 2?») de Abril de 1747, e por outro de seis de Abril de 1748 as izentou totalm.<sup>te</sup> da sujeição do Parocho detriminando q.<sup>e</sup> o Capellão, ou qualq.<sup>er</sup> dos Confessores aprovados, e detriminados pelo m.<sup>o</sup> Serenissimo S.<sup>r</sup> lhes administrasse os Sacram.<sup>tos</sup> tanto pela obrigação dos preceitos da quaresma, como pelo discurso do anno, o que tudo consta por Decretos e Provizois que as mesmas Recolhidas tem em seu poder. He o que sey do instituto e estado do d.<sup>o</sup> Recolhim.<sup>to</sup> V. A. S. mandara o que for servido e do mayor agrado de D.<sup>s</sup> que G.<sup>de</sup> a V. A. S. m. an.

S. Payo de Guim.<sup>es</sup> 24 de Janr.<sup>o</sup> de 1764

De V. A. S.

o mais obediente subdito

O Par.<sup>o</sup> Fran.<sup>co</sup> Dantas Coelho

(1782)

*Vizitando este Recolhim.<sup>to</sup> do Arcanjo S. Miguel* por ordem de S. A. o Sereniss.<sup>mo</sup> Senhor D. Gaspar aos dezasseis dias do mes de Julho de 1782, e principiando pelo espirital, louvo m.<sup>to</sup> a M.<sup>e</sup> Regente, e mais Recolhidas o zelo com que procurão o augmento do Culto Divino, e dar gloria a Deus, tendo o Sanctis.<sup>mo</sup> Sacram.<sup>to</sup> na Capella com decencia a custa da sua devoção por não terem actualm.<sup>te</sup> rendas com q.<sup>e</sup> possão manter o gasto da cera, e azeite e juntam.<sup>te</sup> os param.<sup>tos</sup> neces.<sup>os</sup> p.<sup>a</sup> elle se administrar, e celebrar o Sancto Sacrificio da Missa: rogo lhe continuem na mesma devoção: e para que não aconteça algum desacato, o P.<sup>e</sup> Capellão terá cuidado de ter a chave do Sacrario da sua mão, como tambem a do Sancto Oleo, que estará sempre guardado em lugar decente.

Acho ser este Recolhim.<sup>to</sup> m.<sup>to</sup> antigo nesta Villa, e viverem as Recolhidas debaixo da Regra da Ordem 3.<sup>a</sup> de N. S. P.<sup>e</sup> S. Francisco com instituições, e Regra q.<sup>e</sup> lhe prescrevia as obrigações, e norma de vida; as quaes prezentem.<sup>te</sup> não aparecem por terem ficado na Secretaria do Arcebispo o Snr.<sup>e</sup> D. Joze q.<sup>e</sup> as mandou ir a seu poder, talvez para as reformar; por ser este Recolhim.<sup>to</sup> athe esse tempo sujeito aos Religiosos de S. Fran.<sup>co</sup> e fazendo termo de sujeição ao Senhor Ordinario, nem esse aparece, pela desordem q.<sup>e</sup> succedeu na d.<sup>a</sup> Secretaria com a morte daquelle Prelado. He neces.<sup>o</sup> fazer novo termo de sujeição, ou de ratificação do primeiro, e pedir ao Senhor Arcebispo lhe dê Estatutos em q.<sup>e</sup> se governem na observancia da d.<sup>a</sup> Sancta Regra da Ordem 3.<sup>a</sup>

Por agora emq.<sup>to</sup> o d.<sup>o</sup> Senhor não determina outra couza devem guardar a d.<sup>a</sup> Regra, q.<sup>e</sup> he sabida, e se acha em varios livros impressos com suas explicações, na forma dos seos sanctos e louvaveis costumes, servindo lhe de estatutos estes capitulos.

He costume haver neste Recolhim.<sup>to</sup> todos os dias meya hora de oração pela manham, e outra meya a noite depois de Ave Marias, juntandose p.<sup>a</sup> isso no

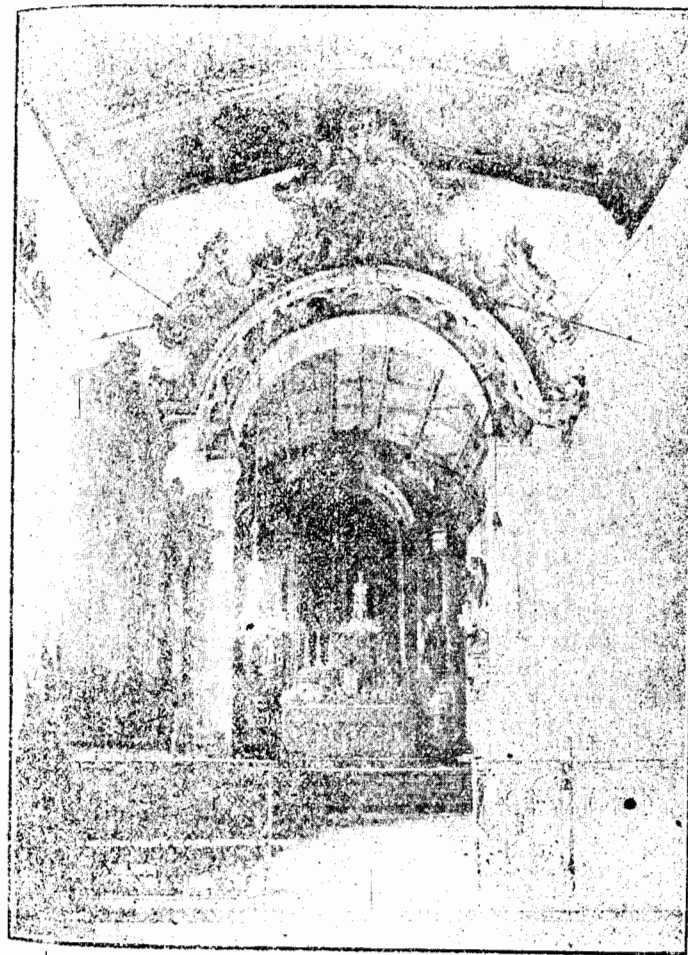
Coro de Verão, e inverno a toque de Sino, q.<sup>e</sup> de verão pela manhã toca as quatro horas e de inverno as seis; este mesmo costume se guarde, e observe sempre com m.<sup>ta</sup> devoção, e Silêncio possível p.<sup>a</sup> que seja fructuosa a meditação, e não haja distração.

He costume rezarem as Recolhidas todos os dias o officio de N. S.<sup>ra</sup> no Coro, tocando p.<sup>a</sup> isso o Sino de manhã depois da meya hora de oração, e rezão Prima, Tercia, Sexta, Noa: e de tarde de verão toca as tres horas, e de inverno as duas para rezarem vespers, e completas. E depois torna a tocar p.<sup>a</sup> Matinas, e Laudes de verão as seys, e de inverno depois da Oração.

Fui informado q.<sup>e</sup> tambem era costume tomarem disciplina as segundas, quartas e sextas feiras do anno; que aos sabbados se canta a ladainha de N. Senhora, e todos os dias a Antifona — Tota pulcha etc.<sup>a</sup> depois de vespera. Que no fim do Coro beijão o chão e dizem Louvado seja o Sanctissimo Sacramento; isto he a Regente em sinal de que acabou o exercicio do Coro.

Tambem me informão q.<sup>e</sup> depois do Coro rezão algũas devoções, como são as novenas de N. Snr.<sup>a</sup> a do Nascim.<sup>to</sup> e de alguns sanctos de mayor devoção, e que se confissão e comunhão nos dias emq.<sup>e</sup> a ig.<sup>a</sup> celebra as Festas, e Misterios de N. Senhor *Jesu Christo*, e de N. Senhora, dos sagrados Apostolos, e Sanctos Classicos da Ordem; e q.<sup>e</sup> todos os dias anda hũa em retiro, principiando pela Regente athe chegar a mais moderna.

Louvo todos estes sanctos exercicios, e confio da devoção com que os praticão, sem lhe ser mandado, que os observem daqui por diante cada vez melhor; porem se algũa for tam descuidada do aproveitam.<sup>to</sup> da sua Alma que veyo buscar ao Recolhimento, que deyxes de ir á Oração, e officio de N. Senhora, não estando legitimam.<sup>te</sup> impedida por molestia, ou outro justo motivo que fará saber a Regente; ou for tam negligente da sua salvação, que se não confesse e comungue ao menos hũa vez cada mês: a Regente a ad-



— IGREJA DAS CAPUCHINHAS —

ALTAR-MOR

A Porteira será sempre hũa das Recolhidas mais antigas, de Sanctos, e exemplares costumes, e mais observante da Regra, e costumes do Recolhimento. Ella hade ser em tudo obediente a Regente como sua subdita q.<sup>e</sup> he, e trabalhará q.<sup>to</sup> lhe for possível por ajudala em tudo o q.<sup>e</sup> for a bem, e proveito da Caza, e p.<sup>a</sup> bom governo, e direção das Recolhidas.

Pela manhã procurarã as chaves da Portaria, e mais q.<sup>e</sup> estão a seo cargo da mão da Regente aonde as porã a noite, e não abrirã a porta antes da Oração, e Coro de manhã a q.<sup>e</sup> deve assistir, excepto em caso de grave necessid.<sup>e</sup>. Terã todo o resguardo, e cautella nas chaves, e não abrirã a porta interior a pessoa algũa, ainda q.<sup>e</sup> sejam mulheres de qualid.<sup>e</sup> sem ordem da Regente: e esta a não dara senão qd." entender q.<sup>e</sup> he precizo, e necessr."

Todas as Recolhidas terão habito de cõr parda na forma q.<sup>e</sup> prezentem.<sup>te</sup> se uza sem cauda, nem enfeites q.<sup>e</sup> respirem vaidade: o cordão será em todas da mesma qualid.<sup>e</sup> de materia grossa. Os vestidos interiores serão o mais que poder ser uniformes, assim na qualid.<sup>e</sup> da materia, como na cor q.<sup>e</sup> será sempre parda, ou roixa escura sem profund.<sup>e</sup> de dobruns, fitas vivos, nem forros de pelles, pelucias, sedas, ou outra qualquer soperfluid.<sup>e</sup> mundana. Não poderão trazer cabello atado, nem em coifas, q.<sup>e</sup> não sejam brancas, ou pretas, com tanto q.<sup>e</sup> com ellas não fallem, nem appareção a pessoa algũa de fora.

Não uzarão de brincos, laços, aneis, ou outro algum ornato de ouro, ou prata com pedras, nem sem ellas, e finalm.<sup>te</sup> não trarão cordões perolas, granadas, vidrilhos, nem adereço algum ainda q. seja de metal, morenilho, trancelim, ou qualquer outra couza. Somente poderão trazer ao pescoço o seu roزاری de N. Senhora, ou algum crucifixo ou reliquia pendente de cordão de linha, ou retroz preto.

As camizas não serão decotadas, mas sobidas ao pescoço, e fechadas com botões, como athequi se costumou: e como vi algũas que pertendião por mais mo-

destia cingir o pescoço com hum lencinho de linho por baixo do collete em forma q. parecia a mesma camiza trespasada, não reprove este novo uzo, comtanto que o lenço seja sempre de linho, sem rendas, nem bordados, ou recortados, e as pontas não sayão p.<sup>a</sup> fora.

Os sapatos sejam sempre de couro preto com ataca como sempre se uzou, ou fivella de ferro pequena. As meyas de lam parda ou branca, e poderão trazelas de fiado cru, ou corado para sua mayor comodid.<sup>e</sup> e não para trajar a moda, e se distinguir no asseio.

As seculares que viverem dentro do Recolhim.<sup>to</sup> devem se conformar q.<sup>to</sup> lhe for possível com os costumes delle, e trajar honesto para não servirem de escandalo, e ruina.

A cayxa ou cofre do Recolhim.<sup>to</sup> aonde se guarda o dinr.<sup>o</sup> livros, e mais papeis a elle pertencentes deve estar sempre na cella da Regente; e terá tres chaves; hũa terá a Regente, e as duas as do Governo cada hũa a sua: p.<sup>a</sup> q.<sup>e</sup> todas assistão ao entrar e sahir do dinr.<sup>o</sup> e papeis; e sejam consultadas nos cazos de mayor emq.<sup>e</sup> se necessita de concelho p.<sup>a</sup> o asserto.

Não se me offerece por agora mais advertencias. O R.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> Capellão leya, e publique estes capitulos, e passe certidão na fr.<sup>a</sup> do estillo, e entregue o Livro a Regente. Guim.<sup>es</sup> em vizitação aos 16 de Julho de 1782

D.<sup>r</sup> Jacintho Jose Velloso

O P. Joze Dias Carn.<sup>ro</sup> Capellão deste Recolhimento do Archanjo S. Miguel da villa de Guimaraens; Certifico que eu li, e publiquei os capitulos retro, em vós clara, e enteligivel, em modo que a Regente, e todas as Recolhidas que estavam juntas no Coro debaixo ouviram, e entenderam, o que nellas se contem, e os aceitaram com prompta vontade, e a nada repugnam, e no mesmo ato adeverti a Regente os lese, ou fizesse ler hum dia de cada mes em ato de Cumunida-

des p.<sup>a</sup> observança dos d.<sup>os</sup> capitulos, e não poderem alegar ignorancia; polla na verd.<sup>e</sup> era ut supra.

O P.<sup>e</sup> Joze Dias Carn.<sup>ro</sup>  
Capellão

(1782)

*Em nome de Deos* todo poderoso, Padre, Filho, e Espirito Santo, tres pessoas, e hum só Deos verdadeiro, e da Santissima virgem Mãe de Deos, e Senhora Nossa, e do nosso Serafico Padre S. Francisco Esta he a Eleyção que neste Recolhimento do Archanjo S. Miguel da villa de Guimaraens, foi feita pelo vizitador o M. R. S.<sup>r</sup> D.<sup>r</sup> Jacintho Joze Vellozo Conigo da Santa Sé, e Dezembargador na Relaçam da Corte, e Cidade de Braga aos dezaseis dias do mes de Julho do anno de mil, setecentos oitenta, e dous em a qual foi eleita por votos p.<sup>a</sup> Regente = Anna Maria de S.<sup>a</sup> Rosa foram, elegidas p.<sup>a</sup> o governo = Marianna Josefa da Gloria Regente immediata = e Catharina de Santa Joanna = foi elegida p.<sup>a</sup> substituta de Regente = D. Marianna Angelica do Sacramento; e de mandado do d.<sup>o</sup> S.<sup>r</sup> asima a escrevi na verd.<sup>e</sup>

O P.<sup>e</sup> Joze Dias Carn.<sup>ro</sup>  
Capellão

(1783)

*Termo de Ratificação e Subjeição* que fizerão as Supplicantes a Madre Regente e mais Recolhidas do Convento do Anjo desta Villa de Guimaraens, Aos vinte e hum dias do mes de Junho de mil settecentos e oitenta e tres annos nesta Villa de Guimaraens e no Recolhimento do Anjo da mesma Villa onde eu Domingos Jose Rodrigues Nottario Apostolico e Ajudante na Camara Ecclesiastica da Cidade de Braga fui vindo ahi em minha presença e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas apparecerão presentes a Supplicante Madre Regente e mais recolhidas do Governo delle

e por cada huma dellas foi dicto que em seu nome e de todas as mais Recolhidas do mesmo Recolhimento que de hoje para sempre e na forma que suas antecessoras o tinham feito ratificavão a subgeição em que estavam a Jurisdição ordinaria desta Diocese de Braga Primaz e de novo se submetião e subgeitavão a mesma Jurisdição e a todas as penas e censuras Ecclesiasticas della como tinham feito suas antecessoras no tempo do Senhor Arcebispo Dom Jose que Deos tem em gloria para o que sendo necessario renunciavão as Justicas do seu foro leys e Privelegios que neste particular fossem a seu favor e de como assim o disserão lhes fis este termo por virtude do Despacho retro que assignarão a forão presentes por testemunhas o Reverendo Conego Dezembargador Jacinto Jose Velloso e o Reverendo Jose Dias Carneiro Capellão deste Recolhimento que tambem assignarão de que dou fe eu Domingos Jose Rodrigues Nottario Apostolico e Ajudante na Camara Ecclesiastica que o escrevi (a) Anna Maria de Santa Rosa Regente — Marianna Josefa da Gloria — Catharina de Santa Joanna — Josefa Maria da Benção — Donna Marianna Angelica do Sacramento — Doutor Jacinto Jose Velloso — O Padre Jose Dias Carneiro.

# REGENTES (1)

*Madalena do Sacramento* — 1737 a 1763.

*Francisca Teresa da Natividade* — 1764 a 1767.

Sucedeu, por mandado do Arcebispo D. Gaspar, em 7-IV-1764 e tomou o cargo em 28 até 28-IV-1767; mais serviu até 4-VIII-1768.

*Joana do Espirito Santo* — 1768 a 1770.

Não sabia assinar o seu nome. Serviu desde 4-VIII-1768 a 21-X-1771.

(1) Esta enumeração das Regentes do *Recolhimento do Anjo* foi organizada pelo Sr. *João Lopes de Faria*, a quem agradecemos penhorados, pelo que pôde apurar numa pequena parte do arqui-

*Ana Maria de S. José* — 1772 e 1773.  
Desde 21-X-1771 a 15 ou 16-X-1774.

*Mariana Josefa da Glória* — 1774 a 1781.  
Desde 15 ou 16-X-1774 a 16-VII-1782. Entregue a 23-V-1794. 1794 a 1803. 1807 a 1817.

*Ana Maria de Santa Rosa* — 1782 a 1787, 1791 a 1793, 1818 a 1822.

*Catarina de Santa Joana* — 1788 a 1790.  
De 7-V-1788 a 24-V-1791.

*Josefa da Glória* — 15-II-1807.  
Desde 23-V-1794 a 28-I-1804 e em 16-VII-1872 a 3-V-1786. Continuou e entregou à seguinte em 8-V-1788. Eleita em 7-V-1788 até 15-V-1794.

*Maria Luísa de S. João Baptista* — 1804 a 1806.  
De 15-I-1804 a 6-I-1807. Prestou contas a 15-II-1807.

*Rosa Bernardina da Natividade* — 1823 a 1824.  
Principiara a 4-II-1822. Faleceu a 5-XI-1825.

vo, depois da extinção e por nós verificada até onde nos foi possível fazê-lo.

A' obsequiosidade do mesmo diligente e zeloso investigador devemos as seguintes notas-efemérides, que minuciosamente confrontamos com os documentos do arquivo.

As Recolhidas em (sem data) expõem ao Dom Prior de Guimarães, «Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Marcos Pinto Soares Vaz Preto», que o seu capelão (o do Recolhimento) tinha uma fôlha de missas que, de tempos remotos, costumava conceder-lhe a Curaria e agora o presidente e chantre parou com esse costume, dizendo que não tinha actualmente fôlha vaga, a qual dera a um eclesiástico estranho à corporação. Terminam pedindo que, como Dom Prior, mande ao chantre dê uma fôlha de missas ao seu capelão.»

«Em 19-8-1840 houve incêndio no Recolhimento. Foram cartas pedindo esmolas para o consêrto. Estas renderam 180\$560. A despesa foi de 259\$185: deficit — 78\$625.» Deram as esmolas — «Raymundo boticario, de sua mão, 15\$440; e mais 1\$440; — D. Antonia do Priorado 4\$800; — João Viegas 1\$410; — Francisco José Glz. 960; — D. Francisca Pimenta 240; — Oliveira do Carmo 240; — Nicolau 2\$400; — João Teixeira 2\$400; — Antonio de Macedo 4\$800;

*Leonarda Queirós do Nascimento* — 1825 a 1831, 1836 a 1839.

Principiou a 1-V-1835. Em Novembro de 1825 e em 1829.

*Maria Luísa (de S. João Baptista)* — 1831 a 1835.  
Governou quatro anos.

*Maria das Dores Correa Ludovina da Conceição* — 1840, 1847, 1851 a 1873.  
Faleceu em 1873.

*Joana Delfina de Jesus* — 1874 a ...

*Antônia Cesária do Amor Divino Correa.*

*Narcisa de Jesus Gonçalves* — 1910.

(Continua).

EDUARDO D'ALMEIDA.

— Gaspar Leite 4\$800; — Francisco Míz 4\$800; — Padre José Antunes 4\$800; — José Míz de Aldão 2\$400; — Francisco Transmontano 2\$400; — D. Maria José Branco 2\$880; — D. Joanna do Arco 2\$400; — N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Oliveira 7\$200; — Misericórdia 14\$400; — Almas de S. Payo 4\$800; — Rosario 4\$800; — Freguesia de Creixomil 2\$400; — Confraria do SS.<sup>mo</sup> da Sr.<sup>a</sup> da Oliveira 10\$000; — Cordão 7\$200; — Terceiros de S. Francisco 3\$200; — Jeronymo Tarquina 1\$600; — Nicolau 4\$800; — Ignacia da Botica 48\$000; — S. Sebastião 1\$200; — S. Pedro 2\$400; — Snr dos Passos 3\$20; mais 1\$920; mais 4\$800.»